

PERCURSOS DE INVESTIGAÇÃO LITERÁRIA

O lugar da literatura infantil nos estudos de literatura comparada

PATHWAYS OF LITERARY RESEARCH: THE PLACE OF CHILDREN'S LITERATURE IN COMPARATIVE LITERATURE STUDIES

Anselmo Peres Alós*
Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO

O objetivo deste trabalho é delinear e sistematizar os percursos teóricos de investigação, no campo dos estudos comparatistas, relativos às pesquisas que tomam a literatura infantil como objeto de análise. Simultaneamente, busca-se evidenciar a redefinição da própria noção de literatura infantil, bem como seu caráter de constructo teórico, a partir das novas reflexões tecidas no campo da literatura e da cultura nas últimas décadas do século XX e das primeiras décadas do século XXI.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura infantil, literatura comparada, limiares disciplinares

O destino da investigação (no campo da literatura infanto-juvenil) está, naturalmente, ligado ao ensino: quando a importância da literatura infantil for oficialmente reconhecida e inscrita no programa de formação dos docentes (...), então a criação de lugares indispensáveis fará surgir claramente a necessidade de uma formação teórico-crítica.¹

Um livro infantil continua sendo “literatura infantil” quando lido por um adulto? E o livro adulto, quando lido por uma criança, passa a ser “literatura infantil”? Vista como um subsistema literário dentro de um conjunto maior que poderia ser chamado de “literatura geral”, ou ainda, “literatura *lato sensu*”, a literatura infantil carrega uma especificidade peculiar: “os textos para crianças parecem oferecer a expressão mais forte de uma palavra viva, que é a única capaz de salvar as sensibilidades ganhas pela abstração e o espírito do sistema”.² Diferentemente das literaturas nacionais, que são definidas

* anselmoperosalos@gmail.com

¹ PERROT. A literatura infantil e juvenil, p. 343.

² PERROT. A literatura infantil e juvenil, p. 326.

pela nacionalidade de origem de seus autores e pela materialidade do código linguístico do qual se utilizam, a literatura infantil define-se não no nível da textualidade, mas em função dos atores sociais envolvidos na sua produção e recepção, assim como por seu *leitor implícito*: um livro infantil é escrito por adultos e destinado a crianças.³ E, tal como salienta Jean Perrot, “as relações crianças-adultos regem-se por mitos que têm uma verdadeira função de regulação crítica”.⁴

Uma das principais características da literatura infantil é sua assimetria no que diz respeito ao fluxo produtor-receptor. Jean Perrot (2004) afirma que, justamente por esta instabilidade da identidade de seu leitor (ao fim e ao cabo, toda criança deixará de ser criança e se tornará um adulto), a literatura infantil despertou muito pouca atenção por parte da crítica e da teoria literária até o início do século XX. Lida e consumida por crianças, a literatura infantil é, no entanto, escrita por adultos. Esses adultos, ao escreverem, presumem um determinado tipo de leitor infantil:

Instead, the main characteristics distinguishing children’s literature from general literature – in particular the fact that it is written or adapted specifically for children by adults, and the asymmetry of communication between the parties involved which arises from this assignment of texts by adults to children – call for a comparative approach specific to children’s literature which differs in certain areas from mainstream comparative literature.⁵

Uma das premissas elementares no campo dos estudos sobre a literatura infantil é a existência de um *corpus* de “clássicos”, isto é, um cânone infantil reiteradamente tomado pela crítica como “universal”. Subjacente a essa premissa, e em nome da “universalidade” desse cânone, apaga-se o fato de que os autores de literatura infantil são oriundos de distintos espaços geográficos e de diferentes temporalidades históricas. Apaga-se também o fato de que, muitas vezes, os textos tomados como “clássicos” e “universais”, justamente por terem sido produzidos em diferentes contextos e em diferentes línguas, são extensivamente traduzidos e adaptados, fazendo com que, muitas vezes, um mesmo livro, ao circular por diferentes espaços geográficos, seja radicalmente diferente de si mesmo, em função das modificações e adaptações feitas sobre a materialidade do texto, por diferentes tradutores, nos processos de transferência de uma língua/cultura para outra.

Charles Bernheimer, um dos comparatistas de destaque no cenário internacional e grande entusiasta – na década de 90 do século XX – dos influxos provenientes dos estudos culturais, defende que o campo epistemológico da literatura comparada deve estar atento não apenas ao estudo das grandes obras literárias e dos cânones literários nacionais, mas deve funcionar como um espaço privilegiado para reinserir a reflexão sobre o texto literário no campo mais amplo da vida cultural das diferentes comunidades humanas:

³ Importantes discussões sobre a definição da literatura infantil como objeto de investigação científica são realizadas em ARIÈS. *História social da criança e da família* (1981); BENJAMIN. *Visão do livro infantil* (2002) e BETTEHEIM. *A psicanálise dos contos de fadas* (2000).

⁴ PERROT. *A literatura infantil e juvenil*, p. 341.

⁵ O’SULLIVAN. *Comparative children’s literature*, p. 1.

The space of comparison today involves comparisons between artistic productions usually studied by different disciplines; between various cultural constructions of those disciplines; between Western cultural traditions, both high and popular, and those of non-Western cultures; between the pre and post-contact cultural productions of colonized peoples; between gender constructions defined as feminine and those defined as masculine, or between sexual orientations defined as straight and those defined as gay; between racial and ethnic modes of signifying; between hermeneutic articulations of meaning and materialist analysis of its modes of production and circulation; and much more.⁶

Emer O'Sullivan, em *Comparative children's literature* (2005), faz uma consistente sistematização do campo dos estudos literários que se ocupa da literatura infantil, de maneira a evidenciar a importância desta como objeto de investigação para os estudos de literatura comparada. Além disso, ao circunscrever nove possibilidades teórico-metodológicas de investigação para a literatura infantil, O'Sullivan consegue solidificar, através dos procedimentos analíticos da literatura comparada, a teorização em torno deste fenômeno literário, enumerando nove possibilidades de abordagem de maneira sistemática: 1) teoria geral da literatura infantil; 2) estudos de contato e transferência (herdeiros da antiga metodologia comparatista de estudo de fontes e influências); 3) poética comparada aplicada à literatura infantil (herdeira da tematologia); 4) estudos de intertextualidade; 5) estudos de intermedialidade (que se preocupa como o modo através do qual os livros infantis migram para outros suportes, como os quadrinhos, a animação e o cinema); 6) imagologia; 7) estudos comparativos de gêneros literários (derivados da tematologia); 8) historiografia da literatura infantil; e, finalmente, 9) historiografia comparada dos estudos de literatura infantil. O'Sullivan admite que essa é uma delimitação inédita e provisória, uma espécie de primeira sistematização sujeita a discussões posteriores. Ele também destaca o fato de que muitas questões relativas à literatura infantil ultrapassam os nove campos por ele propostos, mas que, mesmo assim, essa delimitação metodológica auxilia a mapear as possibilidades de investigação.

O primeiro campo delineado por O'Sullivan ocupa-se de teorizações e especulações mais amplas, tentando definir, por exemplo, o que é e o que caracteriza a literatura infantil, tentando delimitar categorias de análise e formalizações teóricas mais amplas que possam dar conta dos fenômenos que o campo tenta investigar. A assimetria que rege o processo de semiótica literária (adultos como produtores, crianças como receptores) é um dos elementos fundamentais na constituição e na caracterização da literatura infantil. Grande parte das diferenças fundamentais entre a literatura infantil e infanto-juvenil e a literatura para adultos deriva desta assimetria *fundacional* que atravessa todos os níveis da literatura infantil pensada como sistema:

The asymmetry that characterizes children's literature not only has a bearing on the discussion of its status within the literary polysystem, it also affects all aspects of the transfer of children's literature across linguistic borders, as the discussions and examples in the following chapters will show.⁷

⁶ BERNHEIMER. The Bernheimer report, 1993: comparative literature at the turn of the century, p. 41-42.

⁷ O'SULLIVAN. *Comparative children's literature*, p. 13.

Este esquema de referências, que lança mão do recurso ao autor implícito e ao leitor implícito, é de extrema importância para compreender a literatura infantil. Algumas teorias da leitura não falam de *leitor implícito*, mas de *leitor virtual*; neste caso, o leitor virtual é uma projeção – consciente ou não – do tipo de leitor ao qual o autor empírico e o autor implícito (ou *implicado*) dirigem suas palavras. Para a presente discussão, esta diferenciação entre *leitor virtual* e *leitor implícito* não se faz de maior pertinência.⁸ Os adultos, vistos pelo autor como “intermediários” entre o texto literário e o público infantil, motivam a constante presença de paratextos⁹ na literatura infantil dos séculos XVIII e XIX. A partir do final do século XIX, estes paratextos começam gradualmente a desaparecer, e seu conteúdo passa a figurar implicitamente no próprio texto literário. Outro traço distintivo importante para a compreensão da literatura infantil é o fato de que ela está assentada sobre duas lógicas distintas: a do *sistema literário* e a do *sistema educacional*.¹⁰ A questão educacional e pedagógica está intimamente ligada ao que se entende por *função social da literatura infantil*, ao mesmo tempo em que auxilia na compreensão da *concepção de infância* de uma dada cultura ou de um dado momento histórico:

A feature distinguishing children’s literature from adult literature is that its origins are to be found both in the literary and the educational systems. This dual reference, with simultaneous poetic and pedagogic criteria, has far-reaching consequences for the status of children’s literature, of which comparative children’s literature must be critically aware. Comparative study of children’s literature must look at its specific conditions and developments in various cultures, and at its respective status in the literary system of different linguistic and cultural communities. That is to say, it must look on the one hand at the cultural status of children’s literature, which may be partly determined by the proportion of texts with double address and by the degree of literary development it has undergone, and on the other hand at the educational status, which is related to the pedagogic value and functions of children’s books in the broadest sense. The general status of children’s literature also depends on the relationship between the cultural and educational systems, which can vary greatly within a culture from epoch to epoch.¹¹

Paul Hazard, com seu livro *Les livres, les enfants et les hommes* (1932), é considerado um dos fundadores dos estudos comparados de literatura infantil. Uma das passagens mais citadas de Hazard é justamente aquela na qual o autor tenta definir a especificidade da demanda das crianças por histórias infantis:

Give us books”, say the children; “give us wings. You who are powerful and strong, help us to escape into the faraway. Build us azure palaces in the midst of enchanted gardens.

⁸ A formulação da ideia de leitor implícito (*implied reader*) é feita pela primeira vez por Seymour Chatman, em oposição à de autor implícito (*implied author*). CHATMAN. *Story and discourse: narrative structure in fiction and film*, p. 147-150.

⁹ Gérard Genette define como *paratextos* aqueles fragmentos textuais paralelos ao texto literário: “titre, sous-titre, intertitres; préfaces, postfaces, avertissements, avant-propos etc.; notes marginales, infrapages, terminales; épigraphes; illustrations (...) qui procurent au texte un entourage (variable) et parfois un commentaire, officiel ou officieux, dont le lecteur le plus puriste et le moins porté à l’érudition externe ne peut pas toujours disposer aussi facilement”. GENETTE. *Palimpsestes*, p. 10.

¹⁰ ZILBERMAN. *A literatura infantil na escola*.

¹¹ O’SULLIVAN. *Comparative children’s literature*, p. 17.

Show us fairies strolling about in the moonlight. We are willing to learn everything that we are taught at school, but, please, let us keep our dreams.¹²

Se é verdade que os textos literários escritos para adultos são frequentemente lidos pelas crianças e incorporados a seus repertórios de leitura, o movimento contrário – obras literárias concebidas originalmente para crianças, e que passam a figurar nos repertórios dos adultos e da literatura *mainstream* – também ocorre. Pode-se mencionar como exemplos *O Hobbit*, de J. R. R. Tolkien, *Manu, a menina que sabia ouvir*, de Michael Ende, *O mundo de Sofia*, de Jostein Gaardner, e a saga de Harry Potter, de J. K. Rowling. Entre as obras escritas para adultos que foram eleitas pelas crianças, destaca-se *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe, e *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. A concepção de Hazard faz-se ainda hoje pertinente, e será defendida por muitos pesquisadores brasileiros que se detêm sobre a questão. A defesa da literatura infantil como um espaço de emancipação da imaginação do jovem leitor é também a que aparece no trabalho de Regina Zilberman em *A literatura infantil na escola*, que ataca reiteradamente o caráter pedagógico-utilitarista da literatura infantil como um dos fatores que a empobrecem, limitando o papel da plurissignificação (traço distintivo do texto literário frente a outros textos) e promulgando uma infância disciplinada. O uso doutrinário da literatura infantil pela escola e pelas instituições confessionais empobrece a experiência de leitura ao cercear os embates entre a criança e o mundo dos adultos:

(...) é a linguagem narrativa que acaba por organizar a percepção infantil do mundo, às vezes negado à criança pela escola ou pela família. Por isso, o texto precisa ser coerente e verossímil, sem o que não coincidirá com as expectativas do leitor. Cabe-lhe, pois, ser literatura, e não mais pedagogia. Nessa medida, pode-se dizer que o sucesso do livro dependerá de sua orientação para o receptor, desde que em termos literários e artísticos, jamais educativos, comprovando a correspondência simétrica nos dois movimentos que conduzem à justificativa da existência do livro para a infância: da produção para a recepção, da pedagogia para a literatura.¹³

A ideia de uma infância atemporal e universal é uma construção romântica. *Émile*, de J. J. Rousseau, é uma das obras fundamentais na construção do mito da universalidade da infância moderna como uma condição de inocência natural, inocência essa que somente se torna passível de maldade e de corrupção a partir do mergulho da criança nas más influências da cultura. Esta é a mesma concepção de infância sobre a qual Hazard fundamentará sua defesa com relação a um *corpus* internacional de literatura infantil que estrutura uma espécie de identidade monolítica, uma “república mundial da infância” des-historicizada e atemporal.

Children’s books keep alive a sense of nationality; but they also keep alive a sense of humanity. They describe their native land lovingly, but they also describe faraway lands where unknown brothers live. They understand the essential quality of their own race; but each of them is a messenger that goes beyond mountains and rivers, beyond the seas, to the very ends of the world in search of new friendships. Every country gives and every

¹² HAZARD. *Books, children and men*, p. 4.

¹³ ZILBERMAN. *A literatura infantil na escola*, p. 57.

country receives – innumerable are the exchanges – and so it comes about that in our first impressionable years the universal republic of childhood is born.¹⁴

A base que sustenta a “república mundial da infância” da Paul Hazard, que extrapola os limites nacionais, as diferentes temporalidades históricas e os diferentes espaços nacionais e geográficos é o ideal romântico de infância, a mesma infância tematizada por J. J. Rousseau. A perda que se gera com tal concepção de um cânone universal é o apagamento e o silenciamento das diferenças culturais, *conditio sine qua non* para a emersão de um cânone universal de clássicos infantis. As contingências da infância, tais como as de classe, raça, gênero, localização geopolítica e momento histórico terminam por ser deixadas de lado. Da mesma maneira, perde-se de vista que a categoria *infância* não tem uma única gênese, uma vez que diferentes espaços geográficos e em diferentes momentos históricos lidam de maneiras radicalmente diferentes com o constructo *infância*. Em suma, é impossível pensar em uma infância universal e atemporal. Ser criança na favela carioca não é o mesmo que ser criança em Beverly Hills ou em Tóquio, da mesma maneira que a definição de *criança* na Baixa Idade Média é radicalmente diferente daquela com a qual se opera no mundo ocidental no final do século XX.

A virada cultural no âmbito dos estudos de literatura comparada também refletiu sobre os estudos sobre a literatura infantil. Ainda que não estritamente comparatistas, novas abordagens passam a articular a investigação sobre a literatura infantil a partir de miradas históricas, sociológicas e ideológicas. Passam a ser articulados nesses estudos esquemas teóricos, formulações e preocupações advindas de outros campos, tais como a psicologia (tentando entender a formação e a evolução psíquica dos jovens leitores), os estudos de gênero (avaliando como as diferenças entre o masculino e o feminino são articuladas nos níveis da representação e da autoria) e a crítica pós-estruturalista (que vai problematizar a autonomia do texto literário e suas trocas semióticas com outras linguagens – tais como o cinema, o desenho de animação e a indústria cultural voltada ao público infantil – e outros campos disciplinares – tais como a pedagogia e a história da leitura).

Os estudos de contato e transferência, herdeiros revitalizados das pesquisas de “fontes e influências” dos primórdios da literatura comparada, dedicam-se às investigações dos diferentes pontos de contato entre literaturas nacionais distintas, seja através da leitura, assimilação e disseminação de um autor em outro contexto linguístico que não o de sua origem, bem como aos estudos com relação à recepção de obras literárias estrangeiras em contextos que não aqueles nos quais foram produzidas. Outra possibilidade instigante para investigação no campo da literatura infantil é o das influências e efeitos que uma determinada obra traduzida produz no trabalho de escritores individuais: “sob o efeito de múltiplas coedições e traduções tornadas obrigatórias, quer por uma concorrência comercial feroz, quer por uma curiosidade cada vez mais exigente, os intercâmbios multiplicaram-se”,¹⁵ abrindo espaço para fluxos literários de proporções

¹⁴ HAZARD. *Books, children and men*, p. 146.

¹⁵ PERROT. *A literatura infantil e juvenil*, p. 326.

planetárias. Zohar Shavit,¹⁶ a partir da teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar,¹⁷ trata a literatura infantil como um subsistema dentro do sistema literário, sofrendo influxos simultâneos dos princípios estéticos que regem os sistemas literários e das avaliações pragmáticas feitas pelo campo da pedagogia sobre a literatura infantil. Um dos maiores problemas no campo dos estudos e teorizações acerca da literatura infantil está no fato de que as pesquisas desenvolvidas em torno dela são, via de regra, circunscritas a uma determinada nação e a uma determinada língua nacional. Mesmo os estudos que tentam dar conta dos “clássicos” e do “cânone” da literatura infantil costumam apreender esses “clássicos” a partir das traduções que circulam no país de origem (ou na língua de origem) do pesquisador.

Emer O’Sullivan¹⁸ cita como caso exemplar de sua crítica ao monolinguismo como imperativo restritivo nos estudos de literatura infantil no cenário internacional a *International companion encyclopedia of children’s literature*,¹⁹ uma importante coletânea que vem sendo tomada como obra de referência nos estudos sobre a literatura infantil para além dos limites geográficos de uma única nação. Organizada por Peter Hunts, todos os artigos sobre teoria, crítica, gêneros e contexto histórico da literatura infantil presentes em *International companion encyclopedia of children’s literature* são de autoria de pesquisadores britânicos, americanos, australianos e canadenses. Os poucos pesquisadores que não são dessas nacionalidades também escrevem em inglês. Assim, o suposto caráter “internacional” da enciclopédia termina limitado por uma perspectiva anglófona, e as fontes citadas para leituras aprofundadas muito raramente indicam pesquisas oriundas de outras áreas linguísticas.²⁰ Este é um dos pontos fundamentais de diferenciação entre a escola filológica e a literatura comparada: enquanto a filologia concentra-se em estudar os domínios estritos de uma única cultura nacional, enfatizando o monolinguismo e a identidade, a literatura comparada privilegia o espaço de trocas, relações e interações entre duas ou mais tradições literárias nacionais, o que leva a reflexão sobre o fenômeno literário, antes restrita pela filologia ao campo monolíngue, a uma abordagem plurilíngue.

¹⁶ SHAVIT. *Poetics of children’s literature*.

¹⁷ EVEN-ZOHAR. Factores y dependencias en la cultura: una revisión de la teoría de los polissistemas, p. 23-52.

¹⁸ O’SULLIVAN. *Comparative children’s literature*.

¹⁹ HUNTS. *International companion encyclopedia of children’s literature*.

²⁰ Esta crítica, pertinente ao volume organizado por Peter Hunts e publicado em 1996, deixa de ter relevância quando vislumbramos a segunda edição de sua monumental antologia de estudos teórico-críticos, bastante expandida e publicada em 2004. Nessa reedição, em especial em sua segunda parte, na qual pesquisadores de diferentes espaços geográficos são convidados a escrever sobre o fenômeno da literatura infantil em seus respectivos países, embora mantenha o monolinguismo de um estudo erudito e antológico publicado por uma grande editora como a Routledge, abarca pesquisas de espaços linguístico-culturais que extrapolam significativamente o eixo eurocêntrico das publicações em língua inglesa, francesa e alemã, abrindo espaço para a reflexão sobre a literatura infantil no mundo árabe (ALQUDSI-GHABRA. *Arabic children’s literature*), nos países bálticos (URBA. *The Baltic Countries*), no Brasil (SANDRONI. *Brazil*) e na China (HO. *China*), apenas para elencar alguns dos espaços linguísticos e culturais que foram negligenciados na primeira edição.

Os estudos de contatos e transferências são particularmente férteis no campo da literatura infantil, principalmente pela forte tradição de tradução de obras nesse campo. Apenas para ilustrar, cabe mencionar o papel de Monteiro Lobato como tradutor de inúmeras obras da literatura infantil para o sistema literário brasileiro. Ou, de maneira inversamente proporcional, as inúmeras traduções, para as mais diversas línguas, dos contos dos Irmãos Grimm e das fábulas de Charles Perrault: “the notion that children’s literature is indivisible and international is in part sustained by the fact that in the translation process works are commonly adapted with the aim of avoiding intrusively ‘foreign’ element”.²¹ De acordo com Paul Hazard, “you will not find a single country that does not admire, even sometimes more than its own best books, books that come from the four quarters of the globe (...) the pleasant books of childhood cross all frontiers”.²² Uma das razões que leva um determinado livro infantil a não ser traduzido em um dado espaço nacional é a dificuldade de “traduzir” referências culturais muito específicas da cultura de origem do livro a um novo contexto linguístico. Pode-se ilustrar com o exemplo das raríssimas traduções de contos infantis chineses para o português. A poética comparada é herdeira das aproximações formais e estruturalistas do fenômeno literário, e revela-se particularmente produtiva para a compreensão das dificuldades para se transpor elementos culturais tais como jogos de palavras e hábitos sociais típicos de uma dada comunidade linguístico-cultural através da tradução. Se a literatura infantil diferencia-se de outras modalidades de realização do fenômeno literário, é de se supor que o uso dos elementos formais na literatura infantil também seja distinto daqueles utilizados em outras modalidades literárias. O uso do humor, da intertextualidade e da metaficcionalidade, apenas para ilustrar alguns desses elementos, dá-se de maneira a buscar uma adequação ao público ao qual se dirige a literatura infantil.

Alguns dos textos que fazem parte do repertório comum dos jovens leitores das mais variadas culturas e línguas nasceram a partir de adaptações de romances originalmente escritos para adultos. Este fato justifica a enorme popularidade entre as crianças de todo o mundo – mas particularmente do mundo ocidental – das narrativas contando as histórias de heróis como Gulliver, Robinson Crusóe ou Dom Quixote. Muitos foram os escritores que recontaram, adaptaram ou “traduziram” – e invoca-se aqui a noção de *tradução como transcrição*, tal como trabalhada por Haroldo de Campos²³ – obras escritas para adultos e que passaram a integrar as bibliotecas infantis e infanto-juvenis. A atividade de recontar, nesses termos, remete à questão da produtividade do texto, e às teorizações de Julia Kristeva em torno da questão da intertextualidade, a partir da leitura realizada pela semioticista búlgara dos trabalhos acerca da natureza da linguagem, da literatura e da cultura nos escritos de Mikhail Bakhtin. O principal elemento diferenciador do funcionamento da intertextualidade na literatura escrita para adultos e na literatura infantil reside no tipo de retomada realizada pelo intertexto e no grau de evidência desse tipo de alusão textual. Uma vez que a criança não dispõe

²¹ O’SULLIVAN. *Comparative children’s literature*, p. 21.

²² HAZARD. *Books, children and men*, p. 147.

²³ CAMPOS. *Metalinguagem & outras metas*.

do mesmo manancial de referências literárias advindas de leituras prévias que o leitor adulto, a profundidade e o refinamento nas alusões a obras literárias anteriores não é tão presente quanto as referências mais superficiais e menos eruditas.

Um dos contextos mais frequentes para o aparecimento de relações intertextuais, na literatura infantil, é o humor e a comédia, aliados ao elemento da surpresa e do inesperado. Algo familiar ao universo do leitor implícito emerge na superfície textual em um contexto não familiar, provocando o efeito de inadequação, de incongruência e de surpresa. Isso pode ser visto, por exemplo, nas inúmeras releituras da história de Chapeuzinho Vermelho ao longo dos séculos. Os contos de fada, originários de uma tradição oral ancestral europeia, têm atraído a atenção de muitos escritores que se dedicaram a escrever para crianças e jovens leitores. A cada novo registro, a cada nova reescrita, alguns dos sentidos das versões anteriores são esvaziados, enquanto novas significações vão acumulando-se uma sobre a outra, por vezes silenciando completamente aqueles sentidos originais articulados pelos contadores de histórias do passado.

Conto originário da tradição europeia, *Chapeuzinho Vermelho* foi transcrita em letra impressa pela primeira vez por Charles Perrault, em 1697. Nesta versão, o aspecto cruel e terrível que caracterizava os contos folclóricos da tradição oral é mantido, e tanto Chapeuzinho quanto sua avó são devoradas ao final da história. Wilhelm e Jacob Grimm, por sua vez, ao retomarem esses (e outros) contos folclóricos, apagaram os aspectos cruéis e imorais, com a finalidade de destiná-los a um público especificamente infantil. Nesta versão, a avó e Chapeuzinho são salvas por caçadores que vagavam na floresta e, depois de ouvirem os gritos das duas e se depararem com o Lobo, rasgam a barriga da fera, retirando as duas, vivas, de lá de dentro. Já na recente versão do brasileiro Rubem Alves,²⁴ a ação do conto é trazida para o mundo contemporâneo. O autor procurou reconstruir a trama de uma maneira lúdica, captando as estruturas fundamentais do conto em suas origens na tradição folclórica, transfigurando as personagens de maneira estilizada, readequando-as às vicissitudes da sociedade moderna.

Dado que o interesse nas trocas, nas transferências e nas (inter)relações entre diferentes sistemas literários e culturais está na gênese do campo epistemológico da literatura comparada, não é de causar espécie que as investigações comparatistas em torno da literatura infantil não se preocupam apenas com as relações entre diferentes literaturas nacionais, mas também nos diálogos possíveis entre a literatura infantil *stricto sensu* e outras manifestações estéticas e culturais. As investigações em torno dos contos de fadas e das tradições orais que possuem vínculos estreitos com o desenvolvimento da literatura para crianças e jovens ultrapassam os limites disciplinares da literatura, colocando em confronto as tradições orais (objeto de interesse da antropologia e do folclore) e o livro escrito. Pode-se pensar aqui no trabalho dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm ao coletar e perpetuar em letra impressa os contos populares europeus. Da mesma maneira, não se pode perder de vista que, a partir do século XX, as releituras do cinema, dos desenhos animados e das histórias em quadrinhos redimensionaram a circulação, a recepção e a revitalização dos temas e motivos anteriormente perpetuados apenas através da oralidade e da palavra impressa:

²⁴ ALVES. *Caindo na real*.

Subjects to be addressed by intermediality studies are the dynamic relations between children's literature and the various media, including the adaptation processes: how have texts of children's literature been performed in various media? How are they reworked and transposed across media boundaries? How do the different social contexts and audiences come into play? How are these texts, media and commodities marketed? How do commercial as well as technological changes affect the ways in which children engage with fictions? What is the role of the marketplace in framing children's developing understanding of narrative?²⁵

A transposição de obras literárias infantis para o cinema não apenas é objeto de relevo para a literatura comparada, na medida em que o processo de tradução semiótica de uma mídia para outra – neste caso, da palavra impressa para a imagem em movimento – coloca importantes questões teóricas, mas também reposiciona os problemas de recepção por parte dos leitores. Apesar da popularidade da trilogia *O senhor dos anéis*, de J. J. R. Tolkien, ou da série de aventuras de Harry Potter, de J. K. Rowling, mesmo antes de sua transposição para o cinema, não se pode fazer vista grossa ao fato de que o sucesso das versões cinematográficas para essas histórias contribuiu para a popularização e o aumento de vendas dos livros de Tolkien e Rowling. Tal fato fica ainda mais evidente quando se pensa em outra série de livros infantis como *Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis. Inicialmente publicadas no Brasil pela Editora ABU (ligada à Aliança Bíblica Universitária do Brasil) entre 1983 e 1987, a série de aventuras de fantasia de C. S. Lewis era praticamente desconhecida até o anúncio da versão cinematográfica de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, primeiro livro da série (publicado originalmente em 1950). Logo após o anúncio de lançamento do filme, a editora Martins Fontes anuncia o lançamento de uma nova edição, em volume único, dos sete volumes de Lewis, agora transformados em meteórico sucesso de vendas, em função da popularização das *Crônicas de Nárnia* pelo cinema.

Os estudos de imagologia, com sua forte tradição no contexto do comparatismo francês, também se revelam uma abordagem com alta voltagem crítica para a aproximação da literatura infantil, uma vez que as representações da paisagem cultural na literatura infantil podem funcionar como metonímia (quando não como catacrese) de significações e de heranças culturais legadas de geração a geração através do texto literário. A imagologia descreve uma área de pesquisa da literatura comparada cujo objeto de estudo precípua é composto pelas imagens de países criadas e veiculadas pela literatura de uma determinada nação.²⁶ A imagem, noção central nesta seara de investigação, é entendida como uma tomada de consciência do eu em contraposição ao outro, ou ainda, como a expressão, literária ou não, de um distanciamento significativo entre duas ordens de realidades culturais, ou, ainda, é a representação de uma realidade cultural por meio da qual aqueles que a elaboraram revelam e traduzem seu próprio espaço cultural e ideológico.

Criticada durante algum tempo como uma espécie de prolongamento dos interesses das relações internacionais ao campo dos estudos literários, a imagologia, entretanto,

²⁵ O'SULLIVAN. *Comparative children's literature*, p. 52.

²⁶ SOUSA. *Do cá e do lá: introdução à imagologia*.

teve um papel fundamental para a aproximação e o confronto das diferentes literaturas nacionais, bem como para a desmistificação da noção de identidade nacional coletiva, durante muito tempo demasiadamente essencializada.²⁷ Dada a presença da literatura infantil em contextos escolares e ao seu papel na formação e constituição dos valores incutidos nos jovens leitores, as investigações imagológicas têm demonstrado que a literatura infantil é um forte repositório de imagens acerca do Outro:

The aim of image studies is to make examination of the literary image of another country, culture or ethnic group a legitimate field of study in literary criticism by proposing theoretical ideas on cultural and literary factors and their reciprocal relationships; it also investigates the role of images in the field of international literary relations and the conclusions they allow us to draw about those who produce them. Recent works on orientalism, postcolonialism, the study of alterity and the history of mentalities have moved literary representation of what is 'foreign' and 'Other' to the centre of cultural studies.²⁸

A realização de uma historiografia da literatura infantil em perspectiva comparada tem importância fundamental para a compreensão das diferenças e dos pontos comuns nas condições históricas, sociais e econômicas dos diferentes contextos nacionais nos quais a literatura infantil se desenvolveu. Ainda não foi realizada uma investigação ampla que consiga dar conta dessas questões em sentido amplo, embora alguns trabalhos relacionando diferentes tradições nacionais já tenham sido desenvolvidos, tais como *Historia de la literatura infantil universal*²⁹ (1971), *Children and childhood in Western society since 1500*³⁰ (1995) e *La littérature d'enfance et de jeunesse en Europe*³¹ (1981), e essas obras sempre terminam por recair em um olhar eurocêntrico que ignora as tradições literárias infantis da América Latina, da África ou dos países asiáticos. Emer O'Sullivan, por sua vez, ao se preocupar com os estudos de historiografia da literatura infantil, destaca o fato de que tais projetos, mesmo que limitados aos países europeus, não conseguem levar a cabo a proposta ampla em função das limitações do trabalho individual de seus autores: "even a comparative history confined to European children's literature, let alone one of all the children's literatures in the world, could not be realized by a single writer".³² Pode-se observar, subjacente a esse comentário, a sugestão da necessidade de trabalhos coletivos e colaborativos para dar conta da historiografia da literatura infantil em contextos que ultrapassem as fronteiras nacionais.

Uma vez que os estudos historiográficos sobre a literatura infantil aparecem não raro subordinados às histórias literárias nacionais, o pesquisador interessado em um estudo historiográfico para além das fronteiras nacionais de uma dada tradição literária acaba enfrentando um problema metodológico relativo à documentação, uma vez que

²⁷ MACHADO e PAGEAUX. *Da literatura comparada à teoria da literatura*.

²⁸ O'SULLIVAN. *Comparative children's literature*, p. 33.

²⁹ BRAVO-VILLASANTE. *Historia de la literatura infantil universal*.

³⁰ CUNNINGHAM. *Children and childhood in Western society since 1500*.

³¹ ESCARPIT. *La littérature d'enfance et de jeunesse en Europe*.

³² O'SULLIVAN. *Comparative children's literature*, p. 38.

cada tradição literária lida com a sua produção literária infantil apenas em sua própria língua de expressão literária, e o estado da arte da investigação historiográfica varia muito de uma literatura nacional para outra. Enquanto a tradição crítica em língua alemã, inglesa e francesa encontra-se em um estágio avançado de teorização e problematização metodológica da historiografia da literatura infantil, bem como da história do livro e da leitura em sentido amplo, em outros países tais reflexões encontram-se em estado incipiente e, muitas vezes, não conseguem ultrapassar o estágio de meras listas dos livros infantis mais vendidos ou dos autores de maior sucesso.³³ As investigações de cunho historiográfico enfrentam uma série de questões ainda em aberto no que diz respeito ao seu dispositivo teórico e analítico de trabalho. Deveriam elas estar organizadas por gêneros, por períodos, por estilos de época, por nacionalidades ou por regiões linguísticas? A periodização da literatura infantil deveria obedecer aos mesmos critérios da literatura escrita para adultos, apesar das especificidades que a caracterizam como um subsistema literário? Que impactos a teoria pós-colonial³⁴ e a teoria *queer*³⁵ teriam sobre a pesquisa historiográfica em torno da literatura infantil?

O último dos campos de investigação elencado por O'Sullivan tem como traço distintivo uma dimensão metacrítica. O pesquisador que se interessa pela historiografia comparada dos estudos e teorizações sobre a literatura infantil deve estar atento, simultaneamente, para as especificidades culturais e para a vocação internacionalista das teorizações produzidas em diferentes partes do mundo, mesmo quando essas teorizações tentam dar conta de um universo de obras literárias restritas a uma única comunidade nacional ou linguística. As questões que giram em torno do desenvolvimento e da evolução da literatura para adolescentes e jovens adultos (expressa, muitas vezes, na expressão *literatura juvenil*) só podem ser razoavelmente compreendidas e abordadas no escopo das reflexões da história literária. Se é verdade que há uma tradição literária de séculos no que diz respeito à representação da juventude e da adolescência em textos literários, também o é o fato de que a literatura escrita *para* adolescentes é um fenômeno relativamente recente, datado da segunda metade do século XX, uma vez que é neste período que a adolescência, entendida como categoria analítica para o desenvolvimento e a maturação da personalidade humana, emerge historicamente com toda a sua força, adquirindo um *status* simultaneamente legal e social:

(...) o conceito de adolescência como período evolutivo só começa a se organizar entre as duas grandes guerras, sendo que a sua delimitação enquanto fase do desenvolvimento somente foi possível após a Segunda Guerra Mundial, o que estimulou, a partir dos anos 1950, um caloroso debate sobre o termo, seus conteúdos e suas implicações. A adolescência, então, passa a ter um *status* legal e social diferenciado, sendo necessário criar para ela disciplina, regulamentação e proteção, uma vez que os adolescentes desse período formavam um grupo muito diversificado, marcado por gostos e valores contraditórios, bem como por intensos conflitos internos.³⁶

³³ NIKOLAJEVA. *Aspects and issues in the history of children's literature*.

³⁴ BRADFORD. *Unsettling narratives: postcolonial readings of children's literature*.

³⁵ DAY. *Lesbian and gay voices: an annotated bibliography and guide to literature for children and young adults*.

³⁶ SANTOS e PRATTA. Adolescência e uso de drogas à luz da psicanálise: sofrimento e êxtase na passagem, p. 169-170.

É no entremeio entre a literatura infantil e a literatura para adolescentes que emerge uma das polêmicas mais frutíferas relativas à literatura para adolescentes e à formação de leitores: o lugar que vem sendo ocupado, no repertório dos jovens leitores, por séries de grande sucesso comercial, reiteradamente taxadas de “cultura de massa” destituída de valor literário. Esta crítica, voltada em um primeiro momento para as séries *Harry Potter*, *Crônicas de Nárnia* e *O senhor dos anéis*, vem sendo reiteradamente reproduzida nos julgamentos de recentes séries de grande sucesso junto aos leitores adolescentes, tais como *Crepúsculo*, de Stephany Meyer, *Percy Jackson*, de Rick Riordan ou *Jogos vorazes*, de Suzanne Collins. Entre as acusações mais recentes feitas a esse tipo de produção literária, reiteradamente são citados o emprego de linguagem facilitada, a superficialidade na construção dos enredos, a repetição de fórmulas narrativas esgotadas ao longo de cada novo título de uma série e o compromisso com uma política editorial que se pode chamar, na falta de melhor expressão, de “venda casada” realizada pelo mercado editorial em função das adaptações para o cinema, uma vez que o sucesso das versões para o cinema e a televisão realimentaria o interesse pelos livros, pautando a produção cultural em uma lógica mercadológica e não artística.

Causa espanto, entretanto, que muitos dos críticos a essa massificação da literatura infantil e juvenil teorizam sobre o fenômeno sem sequer citar as referências bibliográficas das obras que estão sendo criticadas e balizam suas conclusões. Veja-se, por exemplo, o estudo “Entre bruxos e vampiros: ideologia e alienação no mercado editorial de literatura infantil”,³⁷ o que abre espaço para uma pertinente questão: estes críticos realmente sabem do que estão falando? Como podem eles julgar a recente produção editorial para crianças e adolescentes como de pouca monta se nem ao menos mencionam as referências bibliográficas dos volumes que estão julgando desqualificados?³⁸ Quando esse tipo de julgamento de valor que sequer se dá ao trabalho de mencionar as referências bibliográficas da obra literária que está sendo desqualificada emerge no cenário acadêmico, é difícil não se deixar abalar por uma sensação de retrocesso aos tempos em que a literatura infantil, em sentido amplo, era considerada um gênero menor e uma preocupação exclusiva dos bibliotecários, não sendo considerada objeto de estudo digno

³⁷ SANT’ANNA. Entre bruxos e vampiros: ideologia e alienação no mercado editorial de literatura infantil.

³⁸ Uma considerável bibliografia em língua portuguesa encontra-se em circulação e serve de base para aprofundar esta discussão que tenta equacionar, por um lado, literatura infantil com “grande literatura”, excluindo desse campo tudo o que possa ser entendido como cultura de massa, e por outro, uma posição menos radical, em compasso com as discussões que problematizam a formação dos cânones literários. Veja-se, por exemplo: CARVALHO. *A literatura infantil* (1984); COELHO. *Panorama histórico da literatura infantil e juvenil* (1991), *Dicionário crítico da literatura infantil brasileira* (1995) e *A literatura infantil* (2002); GÓES. *A aventura da literatura para crianças* (1991) e *Olhar de descoberta* (2004); HELD. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica* (1980); KHÉDE. *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico* (1983); OLIVEIRA e PALO. *Literatura infantil: voz de criança* (1986); PERES. *O infantil na literatura: uma questão de estilo* (1999); ROSEMBERG. *Literatura infantil e ideologia* (1984); PONDÉ e YUNES. *Leitura e leituras da literatura infantil* (1988); ZILBERMAN. *A produção cultural para crianças* (1982) e ZILBERMAN e LAJOLO. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira* (1993).

de teorizadores, historiadores e críticos da literatura.³⁹ Neste contexto de discussão acadêmica, a posição mais acertada parece ainda ser a de Cecília Meireles, ao afirmar que a literatura infantil não é aquela escrita para as crianças, mas sim aquela que as crianças gostam de ler.⁴⁰



ABSTRACT

This paper aims at delineating and systematizing the research's theoretical pathways, in the field of comparative literature studies, when it comes to investigations that take children's literature as its object of analysis. Simultaneously, we seek to show the redefinition of the very notion of children's literature as well as its theoretical construct feature from new considerations made in the field of literary and cultural studies in the last two decades of the twentieth century and in the first decades of the twentieth-first century.

KEYWORDS

Children's literature, comparative literature, disciplinary boundaries

REFERÊNCIAS

- ALQUUDSI-GHABRA, Taghreed. Arabic children's literature. In: HUNTS, Peter. *International companion encyclopedia of children's literature*, v. II. London: Routledge, 2004, p. 954-959.
- ALVES, Rubem. *Caindo na real: Cinderela e Chapeuzinho Vermelho para o tempo atual*. Campinas: Papirus, 2004.
- ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BENJAMIN, Walter. Visão do livro infantil. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002, p. 69-80.
- BERNHEIMER, Charles. The Bernheimer report, 1993: comparative literature at the turn of the century. *Comparative literature in the age of multiculturalism*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1995, p. 39-50.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- BRADFORD, Clare. *Unsettling narratives: postcolonial readings of children's literature*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 2007.
- BRAVO-VILLASANTE, C. *Historia de la literatura infantil universal*. Madrid: Ministerio de Cultura, 1971.

³⁹ CALDIN. O bibliotecário, a criança e a literatura infantil: algumas ponderações, p. 111-128.

⁴⁰ MEIRELES. *Problemas da literatura infantil*, p. 19.

- CALDIN, Clarice Fortkamp. O bibliotecário, a criança e a literatura infantil: algumas ponderações. *Revista ACB*. Florianópolis, Associação Catarinense de Biblioteconomia, v. 6, n. 1, 2001, p. 111-128.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura infantil*. São Paulo: Global, 1984.
- CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CHATMAN, Seymour. *Story and discourse: narrative structure in fiction and film*. Ithaca: Cornell University Press, 1978.
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Ática, 1991.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil brasileira*. São Paulo: Edusp, 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil*. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2002.
- COLLINS, Suzanne. *Jogos vorazes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- COLLINS, Suzanne. *Em chamas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- COLLINS, Suzanne. *A esperança*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- CUNNINGHAM, H. *Children and childhood in Western society since 1500*. London and New York: Longman, 1995.
- DAY, Frances Ann. *Lesbian and gay voices: an annotated bibliography and guide to literature for children and young adults*. Westport: Greenwood Press, 2000.
- DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. São Paulo: Penguin Companhia, 2012.
- ENDE, Michael. *Manu, a menina que sabia ouvir*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.
- ESCARPIT, D. *La littérature d'enfance et de jeunesse en Europe*. Paris: Presses Universitaires, 1981.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Factores y dependencias en la cultura: una revisión de la teoría de los polisistemas. Trad. de Montserrat Iglesias Santos. In: IGLESIAS, Montserrat. *Teoría de los polisistemas*. Estudio introductorio, compilación de textos y bibliografía por Montserrat Iglesias Santos. Madrid: Arco, 1999, p. 23-52.
- GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia: romance da história da filosofia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestes*. Paris: Seuil, 1982.
- GÓES, Lúcia Pimentel. *A aventura da literatura para crianças*. São Paulo: Melhoramentos, 1991.
- GÓES, Lúcia Pimentel. *Olhar de descoberta*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Contos de Grimm*. 32. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.
- HAZARD, Paul. *Les livres, les enfants et les hommes*. Paris: Flammarion, 1932.
- HAZARD, Paul. *Books, children and men*. Trans. M. Mitchell. Boston: The Horn Book, 1944.
- HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus, 1980.

- HO, Laina. China. In: HUNTS, Peter. *International companion encyclopedia of children's literature*, v. II. London: Routledge, 2004, p. 1029-1038.
- HUNTS, Peter. *International companion encyclopedia of children's literature*, v. II. London: Routledge, 2004.
- HÜRLIMANN, Bettina. *Europäische Kinderbüchen aus drei Jahrhunderten*. Zurich: Atlantis, 1959.
- KHÉDE, Sônia S. (Org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- LEWIS, C. S. *Crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*. São Paulo: Editora ABU, 1982.
- LEWIS, C. S. *Crônicas de Nárnia: os anéis mágicos*. São Paulo: ABU, 1983.
- LEWIS, C. S. *Crônicas de Nárnia: o cavalo e o menino*. São Paulo: ABU, 1984a.
- LEWIS, C. S. *Crônicas de Nárnia: o príncipe e a ilha mágica*. São Paulo: ABU, 1984b.
- LEWIS, C. S. *Crônicas de Nárnia: o navio da alvorada*. São Paulo: ABU, 1985.
- LEWIS, C. S. *Crônicas de Nárnia: a cadeira de prata*. São Paulo: ABU, 1986.
- LEWIS, C. S. *Crônicas de Nárnia: a última batalha*. São Paulo: ABU, 1987.
- LEWIS, C. S. *Crônicas de Nárnia*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. São Paulo: Summus, 1979.
- MEYER, Sthephanie. *Crepúsculo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.
- NIKOLAJEVA, Maria (Ed.). *Aspects and issues in the history of children's literature*. Westport: Greenwood Press, 1995.
- O'SULLIVAN, Emer. *Comparative children's literature*. London: Routledge, 2005.
- PALO, Maria José; OLIVEIRA, M. Rosa. *Literatura infantil*. São Paulo: Ática, 1986.
- PELLOWSKI, Anne. *The world of children's literature*. New York and London: Bowker, 1968.
- PERES, A. M. C. *O infantil na literatura: uma questão de estilo*. Belo Horizonte: Miguilim, 1999.
- PERRAULT, Charles. *Chapeuzinho Vermelho e outros contos de Perrault*. Trad. Olívia Krahenbuhl. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.
- PERROT, Jean. A literatura infantil e juvenil. In: BRUNEL, Pierre; CHEVREL, Yves. *Compêndio de literatura comparada*. Trad. Maria do Rosário Monteiro. Lisboa: Fundação Calouste-Gulbenkian, 2004, p. 325-348.
- PONDÉ, M. da Glória; YUNES, Eliana. *Leitura e leituras da literatura infantil*. São Paulo: FTD, 1988.
- RIORDAN, Rick. *O ladrão de raios*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.
- RIORDAN, Rick. *O mar de monstros*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.
- RIORDAN, Rick. *A maldição do titã*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.
- ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1984.
- ROUSSEAU, J. J. *Émile ou de l'éducation*. Le Haye: Néaulme, 1762.

- ROWLING, J. K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e a câmara secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e o cálice de fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e o enigma do príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e as relíquias da morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- SANDRONI, Laura. Brazil. In: HUNTS, Peter. *International companion encyclopedia of children's literature*, v. II. London: Routledge, 2004, p. 1004-1010.
- SANT'ANNA, Jaime dos Reis. Entre bruxos e vampiros: ideologia e alienação no mercado editorial de literatura infantil. *Anais do III congresso de leitura e literatura infantil e juvenil (2012)*. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Index.html>>. Acesso: 11 fev. 2013.
- SANTOS, Manoel Antônio dos; PRATTA, Elisângela Maria Machado. Adolescência e uso de drogas à luz da psicanálise: sofrimento e êxtase na passagem. *Tempo psicanalítico*. Rio de Janeiro, v. 44, n. I, 2012, p. 167-182.
- SANTUCCI, Luigi. *Letteratura infantile*. Milan: Fratelli Fabbri, 1958.
- SHAVIT, Zohar. *Poetics of children's literature*. London: University of Georgia Press, 1986.
- SOUSA, Celeste H. M. R. de. *Do cá e do lá: introdução à imagologia*. São Paulo: Humanitas, 2004.
- SWIFT, Jonathan. *As viagens de Gulliver*. São Paulo: Penguin Companhia, 2010.
- THWAITE, Mary. *From primer to pleasure in reading*. London: Library Association, 1963.
- TOLKIEN, J. R. R. *O hobbit*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- TOLKIEN, J. R. R. *O senhor dos anéis: edição completa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- URBA, Kestutis. The Baltic Countries. In: HUNTS, Peter. *International companion encyclopedia of children's literature*, v. II. London: Routledge, 2004, p. 990-997.
- ZILBERMAN, Regina (Org.). *A produção cultural para crianças*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2005.
- ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira*. São Paulo: Global, 1993.

Recebido em 19 de fevereiro de 2013

Aprovado em 6 de dezembro de 2013